

Oficinas pedagógicas e narrativas orais e imagéticas: uma experiência de educação permanente em saúde

Marisa Flores De Quadros
Rafael Arenhaldt

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

RESUMO

O artigo apresenta um recorte da pesquisa intitulada *A educação permanente no contexto das práticas na saúde: o descortinar do olhar através das narrativas para a saúde do trabalhador*, tendo como cenário um Programa de Educação Permanente em Saúde na região Macrossul do Rio Grande do Sul. O texto objetiva refletir sobre a experiência com oficinas pedagógicas realizadas no referido Programa, em que foram empregadas narrativas orais e imagéticas. Para o desenvolvimento pedagógico foi utilizada uma plataforma virtual para disponibilizar materiais teóricos, organizar as atividades assíncronas, assim como as fotografias compartilhadas dos contextos de trabalhadores das Vigilâncias em Saúde do Trabalhador. Nos momentos síncronos empregaram-se materiais como textos, poesia, vídeos e discussões sobre as fotos. As imagens destacaram diferentes situações e significados de suas atuações no Sistema Único de Saúde. As experiências apontam para elementos relevantes no conceito de Educação Permanente em Saúde e de saberes que são construídos e incorporados no trabalho. O percurso de pesquisa-intervenção possibilitou construir conhecimentos coletivamente, ressignificar práticas e viabilizou elementos para melhor intervir nos processos laborais e educacionais. As narrativas transformaram-se em um caminho para o entendimento das experiências e assim contribuíram na implementação e aperfeiçoamento das políticas públicas de Saúde e Educação.

Palavras-chave: Educação Permanente; Sistema Único de Saúde; Saúde do Trabalhador; Narrativas.

Pedagogical workshops and oral and imagery narratives: an experience of continuing education in health

ABSTRACT

The article presents an excerpt from the research entitled *Permanent education in the context of health practices: the unveiling of the look through narratives for workers' health*, taking into account a Permanent Health Education Program in the Macrossul region of Rio Grande do Sul, South. The text aims to reflect on the experience with pedagogical workshops held in the aforementioned Program, in which oral and imagery narratives were used. For pedagogical development, a virtual platform was used to provide theoretical materials, organize asynchronous activities, as well as shared photographs of the contexts of workers in

Occupational Health Surveillance. In the synchronous moments, materials such as texts, poetry, videos and discussions about the photos were used. The images highlighted different situations and meanings of their actions in the Unified Health System. The experiences point to relevant elements in the concept of Permanent Education in Health and knowledge that is built and incorporated in the work. The research-intervention route made it possible to collectively build knowledge, re-signify practices and made possible elements to better intervene in work and educational processes. The narratives became a way to understand the experiences and thus contributed to the implementation and improvement of public policies in Health and Education.

Keywords: Continuing Education; Health Unic System; Worker's Health; Narratives.

Talleres pedagógicos y narrativas orales e imaginarias: una experiencia de educación permanente en salud

RESUMEN

El artículo presenta un extracto de la investigación titulada La educación permanente en el contexto de las prácticas de salud: el develamiento de la mirada a través de las narrativas para la salud del trabajador, teniendo como escenario un Programa de Educación Permanente en Salud en la región del Macrosul de Río Grande del Sur. El texto pretende reflexionar sobre la experiencia con talleres pedagógicos realizados en el mencionado Programa, en los que se utilizaron narrativas orales y de imágenes. Para de las actividades se utilizó una plataforma virtual para brindar materiales teóricos, organizar actividades asincrónicas, así como fotografías compartidas de contextos de trabajadores en Vigilancia en Salud Ocupacional. En los momentos sincrónicos se utilizaron materiales como textos, poesías, videos y discusiones sobre las fotos. Las imágenes destacaron diferentes situaciones y significados de sus acciones en el Sistema Único de Salud. Las experiencias señalan elementos relevantes en el concepto de Educación Permanente en Salud y saberes que se construyen e incorporan en el trabajo. El camino de investigación-intervención posibilitó la construcción colectiva de saberes, replanteó prácticas y posibilitó elementos para intervenir mejor en los procesos laborales y educativos. Las narrativas se convirtieron en una forma de comprensión de las experiencias y así contribuyeron para la implementación y mejora de las políticas públicas de salud y educación.

Palabras clave: Educación Permanente; Sistema único de Salud; salud del trabajador

Da introdução

Apresentamos neste texto reflexões da experiência com as oficinas pedagógicas e a produção de narrativas orais e imagéticas, fruto dos estudos teóricos e práticos desenvolvidos na pesquisa *A Educação Permanente no Contexto das Práticas na Saúde: o descortinar do olhar através das narrativas para a saúde do trabalhador*. Por meio das narrativas compreendemos textos e contextos, diferenciados e mais complexos. Também entendemos significados em relação à vida, modos como o sujeito (ou comunidade) atribui sentido à sua experiência, como organiza suas memórias, intenções, justifica suas ações. A narrativa é uma via pela qual se revelam vozes de atores sociais, que narram suas próprias experiências, ao mesmo tempo se constitui como um parâmetro linguístico, psicológico, cultural e filosófico, essencial para explicar a natureza e as condições da nossa existência. Nesse sentido, as narrativas podem contribuir, tanto para o conhecimento humano, quanto para o próprio aprimoramento da pesquisa (BROCKMEIR; HARRÉ, 2003; PASSEGGI; SOUZA, 2017). Para Clandinin e Connelly (2011), a pesquisa narrativa é uma maneira de compreender a experiência, são histórias vividas e contadas.

Uma ação formativa, na modalidade de oficina, foi realizada em um Programa de Educação Permanente em Saúde para Vigilância em Saúde do Trabalhador (VISAT) na região Macrossul de Pelotas e Bagé, Rio Grande do Sul (RS), Brasil. Trata-se de uma prática educativa que promove a reflexão da realidade de saúde, além de alinhar-se aos pressupostos da Política de Educação Permanente em Saúde (PEPS) e da Política de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (PSTT) no Sistema Único de Saúde (SUS).

A ação buscou contribuir com a qualificação das ações de Educação Permanente em Saúde (EPS), além de possibilitar o olhar para a saúde do trabalhador. As atividades foram fundamentadas na educação problematizadora, base introdutória e pressuposto à compreensão de processos, práticas e metodologias ativas de aprendizagem. Ao provocarmos o olhar para o cotidiano de trabalho, buscamos compreender o modo pelo qual os trabalhadores da saúde constroem e compartilham sentidos sobre suas experiências vividas.

A educação problematizadora reconhece que somos seres inacabados, inconclusos, valoriza o caráter histórico e a historicidade dos homens. Além disso, a educação problematizadora tem caráter reflexivo, implica num constante ato de buscar a emergência das

consciências, levando à crítica do contexto social. À medida que ocorre a reflexão sobre si e sobre o mundo (incluindo o mundo do trabalho), aumenta-se o campo de sua percepção, dessa maneira é dirigido o olhar ao/a que/quem antes não se percebia, desencadeando novas provocações, novas compreensões, novos desafios no processo da resposta (FREIRE, 1987).

No Brasil, a Educação Permanente em Saúde (EPS) surgiu como uma estratégia de fortalecimento do SUS, e aposta na mudança do olhar, em que todos têm algo a contribuir com a política pública, um “[...] aprendizado no trabalho e nos modos de existir no mundo nos convida a olhar diferente, para além do que está estabelecido” (CARVALHO; MERHY; SOUZA, 2019, p. 6). A EPS é considerada uma prática de ensino-aprendizado e também uma política pedagógica, já que a produção do conhecimento ocorre no cotidiano, através das experiências vividas pelos próprios atores envolvidos e por contribuir para a formação e desenvolvimento do trabalhador (CECCIM; FERLA, 2009). A EPS é uma aprendizagem significativa, em que a atualização técnico-científica é apenas uma das dimensões, ou seja, um dispositivo potente para o processo de (trans)formação nas práticas profissionais e qualificação do cuidado.

Ao trazermos à discussão as diretrizes operacionais da PEPS (BRASIL, 2007), com objetivos que permeiam aspectos relacionados à reorganização dos processos de trabalho, à promoção da autonomia pedagógica, à economia de investimentos educacionais externos, refletimos sobre a transformação das práticas para uma melhor atenção à saúde. Consideramos que é necessário mais do que uma mudança de prática educacional, deve haver uma mudança na cultura do cuidado em saúde. Para isso acontecer o trabalhador precisa se sentir incomodado, provocado na construção de ideias e práticas coletivas, ao mesmo tempo que se sinta valorizado.

Entendemos que são cada vez mais complexas as formas de adoecimento no trabalho, que envolvem aspectos como a sua organização, suas relações com as subjetividades e coletivos dos trabalhadores. A abordagem da saúde do trabalhador vem resgatar o lado humano do trabalho, tendo o trabalhador como ator histórico, agente de mudanças, com saberes e vivências sobre o seu trabalho, vindo partilhar e auxiliar na (trans)formação das ações de atenção à saúde. Sendo assim, é importante compreender que os trabalhadores são produtores de conhecimento, produtores de subjetividade e

constantemente elaboram atividades, realizam escolhas, é o trabalho vivo, que existe no processo de trabalho e que é fundamental no processo de formação profissional. Assim, esse trabalhador modifica sua relação com o saber e transforma sua própria história e seu processo de aprendizagem.

Para Campos, Aguiar e Belisário (2012), o trabalho em saúde baseia-se no elemento humano, por isso a importância da formação dos profissionais da saúde. Entretanto, o processo de educação universitária vem apresentando contratempos, que têm impactado direta e indiretamente no SUS. A educação superior passa por um constante processo de mudanças, porém problemas relacionados à formação ainda não foram superados, pois o profissional ainda encontra dificuldades na aplicação prática dos conceitos de promoção da saúde e de prevenção de riscos, agravos e doenças, permanecendo centrado na doença. (FILHO, 2004). O que se percebe é que, mesmo com a reformulação das políticas de educação permanente, práticas antigas ainda existem.

A saúde do trabalhador é um campo de práticas que procura conhecer e intervir nas relações de trabalho e saúde/doença, tendo como protagonista o próprio trabalhador. No Brasil, o enfoque teórico-metodológico da saúde do trabalhador e da trabalhadora (STT) emerge da saúde coletiva e busca superar práticas e aspectos dados à saúde ocupacional e medicina do trabalho. A proposta da STT é produzir conhecimentos e práticas compartilhadas, diferente de formas de alienação e desinformação, onde o sujeito trabalhador é passivo, mas indicando soluções para os problemas, ao incorporar o conhecimento do trabalhador para a melhoria das condições de trabalho e defesa da saúde (LACAZ, 2007).

Do percurso metodológico

Este texto consiste em um relato reflexivo de um recorte da pesquisa-intervenção, com o intuito de socializar as experiências das oficinas pedagógicas, na modalidade de Curso de Extensão¹. Essa oficina, desenvolvida virtualmente, foi uma ação conjunta entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Secretaria Estadual de Saúde (SES/RS). O projeto da pesquisa ao qual a oficina está vinculado foi aprovado pelo Comitê de

¹ Como desdobramento da pesquisa foi desenvolvido um produto técnico: Curso de Extensão, aprovado pela PROEXT/UFRGS e vinculado ao Programa de Extensão do PPGENSAU/UFRGS, intitulado *A Educação Permanente em Saúde e o Descortinar do Olhar para a Saúde do Trabalhador*, com carga horária de 15 horas.

Ética em Pesquisa (CEP) da UFRGS, nº do parecer: 4.536.439, e pela Escola de Saúde Pública (ESP/RS), nº do parecer: 4.584.931.

Foram realizadas duas oficinas pedagógicas virtuais, com a participação de trabalhadores da Vigilância em Saúde do Trabalhador (VISATs) da região de saúde Macrosul, situada na região do Pampa e Sul do RS, Brasil. Os critérios para participação foram: ter participado de um dos seis encontros presenciais do Programa de Educação Permanente para VISATs Região 21 e 22, Pelotas e Bagé, ocorridos nos anos de 2017 a 2019, e ter interesse e disponibilidade para participar das oficinas.

No decorrer do estudo, os trabalhadores das VISATs também foram convidados a participar de um momento inicial da pesquisa, com realização de entrevistas narrativas individuais e *online*. Já o relato reflexivo das oficinas, foco deste texto, fez parte do segundo momento metodológico da pesquisa, ao qual foram convidados todos os participantes das entrevistas narrativas individuais.

Os organizadores da ação, vinculados ao Programa de Pós Graduação Ensino na Saúde da UFRGS, efetivaram convite para todos os participantes, bem como informações pertinentes ao projeto. Os participantes foram instados a assinar e enviar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a gravação das discussões e o uso destas para fins científicos. Na sequência, como parte do desenvolvimento pedagógico das oficinas, os integrantes do estudo foram sensibilizados para a produção de fotografias de seus contextos de trabalho em saúde. Também foi encaminhado o termo de autorização para o uso de imagens. Além do envio de e-mails, foram realizados vários contatos via *WhatsApp* com os participantes.

Antes da oficina, foi confeccionado para a plataforma (Moodle Colaboração) da UFRGS, para a qual os componentes recebiam uma senha de acesso, materiais teóricos sobre Educação e Saúde, organizando as atividades assíncronas, assim como o repositório das fotografias compartilhadas dos contextos de trabalhadores das VISATs.

O período de desenvolvimento do projeto compreendeu o primeiro semestre de 2021 e as oficinas ocorreram no mês de julho, conforme a disponibilidade dos participantes, em uma sala virtual reservada para esse fim. A duração de cada oficina (momento síncrono) foi de 1 hora e 30 minutos. As oficinas pedagógicas síncronas aconteceram pelo *Google Meet* e utilizaram-se materiais como textos, poesia, vídeos e discussão sobre as fotos.

Participaram das oficinas 12 trabalhadores vinculados às VISATs municipais, Coordenadoria Regional de Saúde (CRS) e Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST), tendo representação de nove municípios da Macrorregião de saúde. A seguir descrevemos o foco das oficinas pedagógicas, organizada em três mo(vi)mentos: (i) as políticas de educação e saúde no SUS (aproximação da realidade/sensibilização); (ii) a ciência e a arte (aprofundamento/reflexão); (iii) a produção de imagens e construção coletiva.

- *Primeiro Mo(vi)mento da Oficina Pedagógica: políticas de educação e saúde no SUS*

Nas oficinas pedagógicas propôs-se um diálogo sobre o SUS, sobre a articulação das Políticas de Educação e Saúde e, para isso, construiu-se uma linha do tempo mediada por experiências e histórias, afinal colecionamos histórias. Buscou-se uma ambiência de troca, abertura ao diálogo entre os participantes, bem como o compartilhar das reflexões de modo a produzirem-se narrativas pessoais e coletivas sobre as experiências em Educação Permanente em Saúde.

Como dispositivo reflexivo inicial foi apresentado um vídeo sobre EPS e socializado com os participantes da oficina um recorte das entrevistas narrativas individuais sobre o que entendiam por EPS. Visualizamos, na sequência deste texto, o quadro-síntese das concepções de EPS (Quadro 1), seus entendimentos e narrativas, considerando a aprendizagem significativa; a oportunidade para trocas de saberes; o ensino problematizador; a produção de conhecimentos no cotidiano de saúde, a partir da realidade vivida pelos atores envolvidos; a formação contínua e o desenvolvimento continuado dos trabalhadores; a articulações entre a educação e o trabalho em saúde; a capacidade de aumentar os espaços de discussão em práticas que se dão no encontro com o outro; a construção de redes de pensamento, ação e compartilhamento em projetos de mudança e a problematização que transforma a informação em aprendizagem, reflexão crítica e dialógica.

- *Segundo Mo(vi)mento da Oficina Pedagógica: a ciência e a arte*

Na sequência foi apresentado um poema de Manoel de Barros, procurando articular a ciência e a arte. O que a arte pode contribuir com o seu olhar sensível, como caminho para intensificar vivências. Também foram realizadas leituras das fotografias de autoria de Sebastião Salgado. Enquanto mobilizador do pensar, algumas questões foram disparadas: o que podemos ver quando descortinamos os modos de olhar/ver as questões de políticas públicas, saúde do trabalhador, educação em/na saúde? O que é possível olhar além da

nossa janela? O que a pressa afeta o meu/teu/nosso olhar? O que deixamos de apreender, de (re) significar quando paramos de olhar de dentro para fora?

- *Terceiro Mo(vi)mento da Oficina Pedagógica: a produção de imagens e construção coletiva*

Nesse momento da oficina, foram apresentadas as imagens produzidas nos contextos de trabalho e cada participante foi instigado a falar da foto do colega. Desse modo, é usada a imaginação, afinal não participamos da fotografia feita pelo outro, mas nos reconhecemos ou reconhecemos nossos trabalhos nas imagens e histórias contadas por profissionais da saúde de outros municípios. Logo após, solicitou-se, para quem produzira a foto, explicitar no grupo as razões da sua escolha por aquela imagem. Podemos inferir que, quando se olha uma fotografia, pensa-se, produzem-se curiosidades, imaginam-se diversas questões em função da imagem, do seu contexto, tendo como base a história de vida, visão de mundo e experiências de quem olha, de quem admira. Nesse momento os trabalhadores narraram e problematizaram sobre situações demonstradas por meio da imagem de seus contextos.

Das narrativas imagéticas e da sensibilização do olhar

Durante a oficina, a fotografia foi usada como disparadora das narrativas, na busca de um olhar de estranhamento do cotidiano, que faz com que a pessoa se sinta afetada com o que está à sua volta e busque por novos significados para a sua vida e o seu trabalho. O ato de estranhar pode estar ligado ao ato de admirar ou de se espantar com algo novo que ainda não se tenha conhecimento, pode também a pessoa se sentir incomodada e não se conformar com situações que antes eram vividas. De acordo com Cunha e Röwer (2014, p. 28), a desnaturalização e o estranhamento é “um ato educativo, pois mobiliza e transforma”, levando o sujeito a ampliar seu horizonte de mundo. Existe sempre uma possibilidade de interpretação diferente aos olhos de outro observador, um novo ângulo de atenção, já que cada um tem uma percepção e dá um sentido diferente à mesma imagem (LOIZOS, 2002).

A proposta de sensibilização do olhar vem com a intenção de produzir novos sentidos, estimular possibilidades que antes passavam despercebidas, vivenciar o estranhamento e emergir em novas sensações. Lembrando que, “quando aprendemos a olhar, aprendemos a significar o que olhamos” (RAMIREZ, 2013, p. 69). A oficina permite pensar, estudar e

trabalhar em um tema ou problema, levando a descobertas, criações, no sentido da construção do conhecimento até a significação (ANASTASIOU; ALVES, 2004).

Nas oficinas pedagógicas os trabalhadores compartilharam imagens de encontros, formações, reuniões com colegas e com trabalhadores/usuários; imagens das salas, computadores e papéis; imagens de trabalhadores em seus ambientes de trabalho; imagens de lesões por acidente de trabalho, entre outras. Nas fotografias destacaram diferentes situações e significados de suas atuações no Sistema Único de Saúde. Os trabalhadores narraram e problematizaram sobre situações demonstradas por meio da imagem de seus contextos.

Alguns estudos utilizaram narrativas imagéticas que, de certa forma, dão amparo e ajudam a compreender o uso das fotografias e inspiraram a realização desta escrita. Em uma investigação desenvolvida por Kirst (2000), na área da Psicologia Social, foram utilizadas fotografias produzidas em um ambiente de trabalho bancário e uma das conclusões é que as fotografias potencializam depoimentos, fazendo vir à tona palavras que não seriam ditas mesmo de maneira informal. A força da imagem visual se mostra importante para o empoderamento de grupo, permitindo a criatividade, que facilita a representação das suas vivências.

Em um outro estudo, de Souza, Anton e Oliveira (2019), foram utilizadas narrativas imagéticas sobre o trabalho em saúde em três contextos distintos do Brasil, na qual a fotografia – com artefatos rudimentares – funcionou como um dispositivo de promoção do desenvolvimento humano e de EPS, potencializando processos de escuta e atenção dos trabalhadores, assim como a criatividade.

Ochoa Palomo e González Monteagudo (2013) refletem sobre uma experiência com oficinas, em que se usou a técnica de fotobiografia, ou seja, as fotografias e as memórias, as narrativas e as análises que provocam para o autoconhecimento e o reencontro consigo mesmo, a partir da coconstrução criativa de histórias de vida. A fotobiografia é uma técnica que nos auxilia a fazer uma revisão de nossas vidas, com o objetivo de focar no que queremos transformar, melhorar, tomar consciência. Assim, afirmam os autores, as atividades de formação e desenvolvimento pessoal executadas com abordagens biográficas precisam superar o tradicional enfoque biográfico em torno da palavra escrita e do discurso oral e dar maior atenção às dimensões artísticas e estéticas.

Uma pesquisa-intervenção foi realizada por Tittoni e Prudente (2015) na qual se articulou o trabalho em saúde, o tempo e a fotografia em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) de Porto Alegre. No estudo, desenvolveu-se uma estratégia de produção de imagens fotográficas, para provocação de olhares e reflexões sobre o próprio trabalho, enrijecido pela repetição de tarefas e dificuldades cotidianas, sob lógicas taylorizadas de controle de tempos e de prescrição de movimentos. O modelo taylorismo-fordismo influencia o mundo do trabalho até hoje, inclusive o educacional e de saúde, quando o ensino e o trabalho são fragmentados, individualizados, mecanizados, centralizados, com estrito controle de tempo, condição que cercearia qualquer autonomia, criatividade e menospreza valores como solidariedade e amizade (PROENÇA, 1993; RIBEIRO, 2015).

O descortinar do olhar, acompanhados de narrativa oral, estimulou possibilidades, por meio das quais os participantes vivenciaram novas sensações, na produção de novos sentidos para o trabalho, para o fortalecimento da atenção à saúde. Percebe-se que as abordagens política e pedagógica da EPS são desafiadoras para ressignificar descobertas, renovar conhecimentos e trilhar novos caminhos.

Das multiplicidades de olhares e das potencialidades da EPS: entretecendo reflexões

O Quadro 1, a seguir, identifica as narrativas dos trabalhadores e apresenta seus conhecimentos com relação às vivências dentro e fora do Programa de EPS. Assim, não só coloca em evidência o entendimento dos trabalhadores sobre EPS como, ao mesmo tempo, reafirma a potência dos saberes construídos ao longo dos anos, provenientes de uma formação em saúde, baseados em encontros profissionais e afetivos com os demais colegas. Tal fato redundava em multiplicidades de olhares, a propiciar um exercício de fazer e refazer problematizações sobre o cotidiano, de resgatar memórias e experiências prazerosas ou mesmo frustrantes da vida, de buscar uma construção social, participativa, consciente, interdisciplinar, multiprofissional, construída por trabalhadores agentes da história e com o objetivo de favorecer o aprendizado.

Concepção de EPS	Narrativas dos Trabalhadores em Saúde
Aprendizagem significativa	<i>“Eu penso que é uma forma de criar consciência, entender o porquê que ele tem que fazer isso, daí o que reflete, o que irá repercutir, se ele tomar essa atitude” (Trabalhadora 8, grifo nosso).</i>
Capacidade de ampliação dos espaços de discussão em práticas que se dão no encontro com o outro	<i>“Ficar junto é super importante, por isso tomar um café da manhã aquilo te rende muito mais, um te conta uma coisa, o outro, bem que eu podia fazer, aí tu podes mudar uma conduta, de uma coisa que tu podes ficar anos ali, naquela tecla e tu tem um caminho pronto” (Trabalhadora 9, grifo nosso).</i>
Construir redes de pensamento e ação, ativar linhas de energia e compartilhamento em projetos de mudança	<i>“Todo o dia, em cada atividade que nós fazemos, nós podemos descobrir uma forma de melhorar ela, todas as atividades, uma forma de partilhar melhor o conhecimento, de juntar melhor os grupos para trabalhar melhor” (Trabalhadora 12, grifo nosso).</i>
Problematização que transforma a informação em aprendizagem, reflexão crítica e dialógica.	<i>“Momento para refletir, para receber informações, para compartilhar, trocar experiências e ali também expor os nossos problemas diários da vigilância [...] momento para identificar se é preciso uma capacitação mais específica, que também entendo que deve estar dentro da educação permanente” (Trabalhadora 4, grifo nosso).</i>

Quadro 1 - Síntese do entendimento sobre Educação Permanente.

Fonte: Elaboração dos autores.

Momento para refletir, para receber informações, para compartilhar, trocar experiências e também expor os nossos problemas diários da vigilância (Trabalhadora 4).

Na oficina também foram problematizadas questões relativas ao tempo, a tarefas, aos efeitos da fadiga, assim os trabalhadores compartilharam suas dificuldades no cotidiano. Uma trabalhadora relatou ao grupo durante a oficina que usava cinco celulares na pandemia, outra disse que ficava ligada 24 horas no celular, o que demonstra a sobrecarga de trabalho dos profissionais de saúde. Uma outra trabalhadora colocou que:

[...] muitas vezes estava fazendo uma coisa, já tá pensando em outra [...] eu trabalho com mais de um programa no município, além da Saúde trabalhador (Trabalhadora 1).

Já o trabalhador 6 demonstrou preocupação com a ausência de recursos humanos, sobre a desvalorização da VISAT e da falta de compreensão da relevância do trabalho. Uma outra trabalhadora mencionou a questão da falta de integração. Assim, trouxeram imagens

de salas vazias, material de trabalho e narraram sobre o entendimento das condições laborais e da necessidade do fortalecimento das equipes técnicas das VISATs; do reconhecimento das ações articuladas com os demais setores e instituições; da questão do poder administrativo ao técnico das VISATs nos municípios para atuar nas fiscalizações. Podemos dizer que, no trabalho das VISATs, também ocorrem conflitos que impactam na vida e na realização do trabalho e que pedem um olhar com intervenção no sentido de melhor aproximação e articulação da rede e valorização da atividade laborar como um todo.

Todo o dia, em cada atividade que nós fazemos, nós podemos descobrir uma forma de melhorar ela (Trabalhadora 12).

No cotidiano do trabalho, onde o isolamento e a individualização se intensificam, a função instrutiva do narrar, contar histórias, posicionar-se em relação ao passado, transforma o contexto do trabalho (FERREIRA, 2011).

O que mais me encantou foi isto, descobrir que gente não é uma ilha, que a gente não está sozinho (Trabalhadora 12).

Assim, os trabalhadores também recordam sobre afetos compartilhados no encontro com o outro, sobre amizades com pessoas de fora e sobre saber que não estão sozinhos. No mesmo sentido, outra trabalhadora, ao ver a imagem da equipe trazida pelo outro participante, narra sobre a aproximação com os colegas, sobre o afeto e do quanto tudo começa com o encontro com o outro. Ceccim e Ferla (2009, p. 240) ressaltam a relação entre aprendizagem e afeto, que se mostra fundamental na construção da pessoa e do conhecimento.

O aprender e o ensinar têm a ver com o modo de fazer. Como a aprendizagem não é uma operação intelectual de acumulação de informações, mas inclui afetos e supõe atividade dos atores envolvidos, estabelece o enfrentamento de um modo já estabelecido de ver o mundo com outro que é apresentado a partir das (novas) informações.

[...] tu podes mudar uma conduta, de uma coisa que tu podes ficar anos ali, sem entender, sem mudar (Trabalhadora 9).

Os participantes das oficinas pedagógicas também trouxeram fotografias de lesões dos trabalhadores, sendo as mãos a parte do corpo com maior destaque. Foi mostrada uma

fotografia (Figura 1) de uma mão com um dedo amputado durante o trabalho, o que levou uma profissional de outro município a compartilhar uma história:

[...] uma história de um relato de um trabalhador do Município Y, que em uma indústria [...] que ele já tinha avisado que a esteira não tinha proteção, então ele tinha que mexer na esteira para limpar com ela ligada, até o dia que ele perdeu o dedo, acho que foi mais de um dedo, falanges e que não pararam a máquina nem para procurar o dedo (Trabalhadora 9).



Figura 1 - A mão do Trabalhador.
Fonte: Foto produzida pelo Trabalhador 14

Por meio da fotografia apresentada, surgiram alguns questionamentos: onde foi que ocorreu? O que poderia ter sido feito para evitar que esse acidente acontecesse? Ou seja, o que calamos é sempre maior do que falamos. Mas geralmente as mesmas perguntas e afirmações são feitas: o trabalhador não estava usando o Equipamento de Proteção Individual (EPI)? O trabalhador devia estar desatento, ou seja, culpabiliza-se a pessoa, modelo explicativo monocausal centrado na culpa da vítima. Um modelo conveniente para esconder as verdadeiras causas dos acidentes de trabalho no Brasil. Nesse sentido, a palavra de quem trabalha precisa ser ouvida, o conhecimento de quem está ciente e aponta os riscos deve ser compartilhado e reconhecido. A subnotificação dos acidentes e doenças do trabalho é um problema amplamente reconhecido no Brasil e merece atenção especial de gestores, profissionais de saúde e população geral. Há como prevenir se tivermos conhecimento da realidade, a partir da base de dados e valorização dos saberes do trabalhador. Com tal mentalidade preventiva é possível evitar uma série de acidentes e doenças, garantindo a saúde e qualidade de vida ao trabalhador e a manutenção dos serviços.

Eu penso que é uma forma de criar consciência, entender o porquê que ele tem que fazer isso, daí o que reflete, o que irá repercutir, se ele tomar essa atitude (Trabalhadora 8).

Também foram relatadas ações de ensino em saúde, em conjunto com outros setores e instituições, direcionadas a grupos em situação de maior vulnerabilidade, com ações individuais e coletivas, como grupos de pescadores (Figura 2), por exemplo.



Figura 2 - Educação em saúde com pescadores.
Fonte: Foto produzida pela Trabalhadora 2.

Apesar de a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (PNSTT) contemplar todos os trabalhadores, ela prioriza os que são identificados e definidos por análise de situação de risco local/regional e de discussão com as comunidades/atores sociais de interesse à STT (BRASIL, 2012; 2017).

Estas orientações a gente dá pra eles lá. Isto é maravilhoso e isso eu não via antes. Eu só via o paciente no posto de saúde. [...] Hoje na saúde do trabalhador, eu estou vendo um outro foco que eu não via e não percebia. Isto está me deixando com mais riqueza de trabalho, com mais entendimento do ser humano (Trabalhadora 2).

A trabalhadora da saúde demonstra o quanto a ação de imersão na comunidade não só é importante para o trabalhador, mas impacta na sua formação, na realização do seu trabalho, seja na unidade de saúde ou nas demais demandas da vigilância. A ação também rompe com um sistema de trabalho voltado somente para a dimensão técnica, por meio da busca da identidade e subjetividades desses trabalhadores, como ao conhecer o ambiente em que vivem e trabalham, entender quais atividades e riscos relacionam-se ao ofício que

realizam, quais são as práticas preventivas indicadas, entre outras. Desperta-se, assim, para novos horizontes, o que traz enriquecimento e (re)significado para o seu trabalho em saúde.

Das considerações finais

As oficinas pedagógicas possibilitaram intercalar a teoria e a prática, ao trazerem narrativas emergentes dos múltiplos olhares cotidianos e atravessamentos que perpassam os trabalhadores da vigilância em saúde do trabalhador. Podemos vislumbrar um espaço onde as experiências são socializadas, onde há uma abordagem criativa de ensino-aprendizagem para a produção de sentidos, tornando visível o invisível, já que os conteúdos são apresentados de forma problematizada e contextualizada, servindo também de instrumento de gestão para as ações em Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora.

A participação dos trabalhadores é fundamental em qualquer estratégia de formação em que se utilizem dispositivos que enfatizem encontros para expressar singularidades. Durante a análise de situações de trabalho, foram eles estimulados a um olhar investigador, como ao contemplar e interpretar as fotografias de seus contextos laborais e dos demais integrantes da ação.

Nas oficinas pedagógicas, histórias foram contadas que se entrecruzam com a história do SUS. Assim, diante do olhar do outro para sua fotografia, os trabalhadores da saúde puderam reconhecer semelhanças e também (re)significar seu olhar, compondo para a construção do novo conhecimento. As imagens e as histórias de vidas se entrelaçaram em tal exercício, favorecendo o compartilhar de vivências, ideias, sentimentos no grupo, na busca por mudanças políticas na saúde, por intermédio da discussão de temas como EPS, saúde do trabalhador e políticas públicas.

Nas fotografias foram destacadas diferentes situações e significados de suas atuações, desde momentos de educação em/na saúde com trabalhadores até atividades em ambientes de trabalhos distintos. Foi possível perceber, por meio das narrativas de tais profissionais, que as ações que participam como protagonistas em espaços de EPS são mais significativas para eles. Este achado reforça o valor da participação dos trabalhadores no processo de ensino-aprendizagem.

O percurso de pesquisa-intervenção possibilitou a construção coletiva de conhecimentos, deu um novo sentido às práticas e viabilizou elementos para melhor intervir

nos processos laborais e educacionais. Os trabalhadores das VISATs, quando questionados sobre suas experiências, apontaram para elementos relevantes no conceito de EPS e de saberes que são construídos e incorporados aos seus ofícios, por meio de conexões com outros trabalhadores. Na opinião dos participantes das oficinas, especificamente sobre as atividades com fotografias dos seus contextos em saúde, a estratégia foi considerada uma abordagem de grande relevância para avançar-se na promoção e proteção dos trabalhadores e pode ser realizada com outros públicos. As narrativas transformaram-se em um caminho para o entendimento das experiências e assim tendem a contribuir para a implementação e aperfeiçoamento das políticas públicas de Saúde e Educação.

Referências

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: UNIVILLE, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.996**, de 20 de agosto de 2007. Dispõe sobre as diretrizes para a implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde e dá outras providências. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.823**, de 23 de agosto de 2012. Institui a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora. Brasília, 2012.

BRASIL. **Portaria de Consolidação nº 2 GM/MS** de 28 de setembro de 2017. Consolidação das normas sobre as políticas nacionais de saúde do Sistema Único de Saúde. Brasília, 2017.

BROCKMEIER, J.; HARRÉ, R. Narrativa: Problemas e Promessas de um Paradigma Alternativo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 525-535, 2003.

CAMPOS F. E.; AGUIAR, R. A. T.; BELISÁRIO, S. A. A formação superior dos profissionais de saúde. In: GIOVANELLA, L.; ESCOREL, S.; LOBATO L. V. C.; NORONHA, J. C.; CARVALHO, A. I. (Org.). **Políticas e sistemas de saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2012. p. 885-910.

CARVALHO, M. S; MERHY, E. E.; SOUZA, M. F. Repensando as políticas de saúde no Brasil: Educação Permanente em Saúde centrada no encontro e no saber da experiência. **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**, v. 23, p. 1-12, 2019.

CECCIM, R. B.; FERLA, A. A. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 6, n. 3, p. 443-456, 2009.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, M. **Pesquisa Narrativa**. Experiências e história na pesquisa qualitativa. Trad.: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

CUNHA, J. L.; RÖWER, J. E. “Ensinar o que não se sabe”: estranhar e desnaturalizar em relatos (auto)biográficos. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 27-38, 2014.

FERREIRA, M. F. Walter Benjamin e a questão das narratividades. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 121-133, 2011.

FILHO, A. A. Dilemas e desafios da formação profissional em saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 8, n. 15, p. 375-80, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KIRST, P. **Fotográfico e subjetivação**: hibridização, multiplicidade e diferença. Porto Alegre: PPGPSI/UFRGS, 2000.

LACAZ, F. A. C. O campo Saúde do Trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, p. 757-766, 2007.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa do texto**: imagem e som: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p 137-155.

OCHOA PALOMO, C.; GONZÁLEZ MONTEAGUDO, J. La fotobiografía como técnica de formación y de desarrollo personal. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE NARRATIVAS EN EDUCACIÓN. HISTORIAS DE VIDA, INFANCIAS Y MEMORIA, 2013, Universidad de Antioquia. **Actas [...]**. Antioquia, 2013.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigación Cualitativa**, v. 2, n. 1 p. 6-26, 2017.

PROENÇA, R. P. C. **Ergonomia e organização do trabalho em projetos industriais**: uma proposta no setor de alimentação coletiva. 1993. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

RAMIREZ, I. C. Dar la mirada: Es posible una ética de la mirada en fotografía. **Superior en Pedagogías de las Diferencias, de Área Educación**. FLACSO - Argentina. s.f. 2013. (Texto suministrado por el docente).

RIBEIRO, A. F. Taylorismo, fordismo e toyotismo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 35, p. 65-79, jul./dez. 2015.

SOUZA, C. Z.; ANTON, L. A.; OLIVEIRA, M. C. S. L. Educação Permanente em Saúde: a experiência das oficinas fotográficas de sensibilização do olhar. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 338-355, 2019.

TITTONI, J.; PRUDENTE, J. Encontros com a pesquisa: uma experiência sobre o trabalho em saúde, tempo e fotografia. **Revista de Ciências Humanas**, v. 49, n. 2, p. 75-93, 2015.

Marisa Flores de Quadros

Fisioterapeuta, Especialista em Saúde e Mestre em Ensino na Saúde; Secretária da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: marisafloresdequadros@gmail.com

Rafael Arenhaldt

Pedagogo, Mestre e Doutor em Educação; Professor Adjunto da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: rafael.arenhaldt@ufrgs.br